

V I C E N T E   S A N C H E S

A SITUAÇÃO  
DEFINITIVA

COMÉDIA EM TRÊS ACTOS

1 9 6 7

V I C E N T E   S A N C H E S

# A SITUAÇÃO DEFINITIVA

COMÉDIA EM TRÊS ACTOS

E D I Ç Ã O  
D O A U T O R  
1 9 6 7

**PERSONAGENS:**

AFONSO

MÔNICA

ANSELMO

MARCELO

ODETE

ILDA

ROGÉRIO

O MÉDICO

ESCOLÁSTICA (criada)

OUTRAS CRIADAS

## 1.º ACTO

*Em casa de Afonso e Mónica. Em cena primeiro está só Afonso. Depois entra Mónica; de cuja entrada, porém, Afonso parece nem se aperceber. Após o ter observado durante um bocadinho, Mónica diz:*

MONICA

Estás pensativo, Afonso.

AFONSO

Estou pensativo, é verdade.

MONICA

E em quê?

AFONSO

No nosso filho.

MONICA

Lá no fundo... lá no fundo não te conformaste ainda bem com a sua decisão?

AFONSO

Já te tenho dito que sim, que conformei.

MÓNICA

O nosso filho venceu. Venceu-te.

AFONSO

Creio que sim.

MÓNICA

Mas tens ainda alguma dúvida?

AFONSO

Não. Acho que ele levará a sua avante.

MÓNICA

*Levará a sua avante?* Mas isso parece falar como se se tratasse de um capricho do Anselmo, de uma atitude que ele tomasse por mera teimosia...

AFONSO

Admito que ele tenha vocação.

MÓNICA

Admites que *tenha*? Não admites que *tem*? Quer dizer que tens ainda alguma dúvida a esse respeito? Ai não tenhas, Afonso. Digo-te eu: o nosso filho tem vocação. O nosso filho, o Anselmo, o teu filho — há-de ser aquilo que infelizmente é muito raro ser-se, porque é muito difícil: mas ele há-de ser um padre exemplar.

AFONSO

E julgas que eu também não espero isso?  
Ou julgas que não me sinto satisfeito ao pensar  
isso?

MÓNICA

Tu não querias que ele fosse padre, Afonso.

AFONSO

Pois não. Mas já desisti de não querer; de  
opor-me. E já quero acreditar que ele terá na  
vida que escolheu—isto é: que escolherá, porque  
ele ainda não se ordenou—mas que há-de ter  
nessa vida... como dizer?, enfim, sucesso; o su-  
cesso que eu lhe desejei, é certo, noutra carreira.  
Mas orgulho-me até de imaginar que poderá  
vir a ser um sacerdote ilustre.

MÓNICA

Como tu és, Afonso!

AFONSO

Como é que sou?

MÓNICA

És um homem deste mundo.

AFONSO

É natural. Mas porquê?

MÓNICA

Por isso mesmo, antes de mais: porque te orgulhas.

AFONSO

E tu? Não?

MÓNICA

Talvez menos do que tu; ou antes: de uma forma diferente.

AFONSO

Ai há então duas formas de orgulho? Um orgulho mau e outro bom? O meu é mau e o teu é bom?

MÓNICA

Eu só me regozija a ideia que o Anselmo seja um padre digno de o ser.

AFONSO

E do que é que eu disse precisamente que me orgulharia?

MÓNICA

Do mesmo... Mas do mesmo, que eu suspeito que entendes de forma diferente. Falaste do sucesso do Anselmo. E eu adivinho o que é que te consola do teu desgosto. Do teu desgosto de a vida do Anselmo não vir a ser a carreira que tu primeiro querias. Ora o que te consola é ainda que o Anselmo venha a ter *sucesso*, isto é: venha a *fazer carreira* na vida que escolheu.

AFONSO

Admitamos que em parte é isso. É mal *fazer carreira*, seja em que vida for?

MÓNICA

Consola-te pois — tu mesmo em parte o admittes — a perspectiva de o Anselmo poder vir a ser mais do que simples padre. Que é como quem diz: poder vir a ser cónego, poder vir a ser bispo, poder vir a ser arcebispo, poder vir a ser cardeal... É confessa que sobretudo não te contrariava excessivamente, se estivesse ainda guardado para pai de um Papa...

AFONSO

E tu confessa lá que te contrariava, se estivesse guardada para mãe do mesmo? É desta massa que eles se fazem...

MÓNICA

Quem? Os pais dos Papas?

AFONSO

Não, Mónica. Mónica irónica. Os filhos. Eu pelo menos referia-me só aos filhos.

MÓNICA

Pois eu penso muito a sério, sem ironia nenhuma, que ser padre pode não ser menos que ser Papa.

AFONSO

Eu compreendo mais depressa que ser general possa ser mais do que ser soldado.

MÓNICA

Não. Porque ser santo, isso é que importa.

AFONSO

Ter galões — também é bom sinal.

MÓNICA

Eu bem disse, ou não disse?, não disse que tu eras um homem deste mundo?

AFONSO

E eu estou aqui estou a dizer que tu és uma mulher do outro!

MÓNICA

Agora és tu quem graceja.

AFONSO

E olha que no fundo não me apetece.

MÓNICA

Pois então não continues. Não gracejes mais.

AFONSO

Não. — Mas lembra-me por acaso um problema que sempre achei muito esquisito. Por-

que será que às vezes quando se está triste, ou inquieto, ou não sei como, nos acomete uma contraditória tentação de rir, ou de sorrir, de gracejar?

MÓNICA

Não sei. Mas porquê? Tu estás agora triste? Inquieto? Estás nem sabes como?

AFONSO

Estou. Estou nem sei como... e olha: nem sei porquê! E tu? Sentes-te bem? Sentes-te feliz?

MÓNICA

Pois sinto. Sou crente. Sou muito religiosa. E tenho agora uma coisa que sempre sonhei: um filho padre... que dentro em breve vai ser padre. Um filho que me faz abençoar ter eu sido a sua mãe.

AFONSO

Cuidado com o orgulho!

MÓNICA

Não é orgulho de mim, é dele; e nem é dele, é da bondade dele, das qualidades dele.

AFONSO

Donde insistes no teu ponto de vista: que como é um orgulho das boas qualidades, é de boa qualidade.

MÓNICA

Se peço, que Deus me perdoe.

AFONSO

Como mãe de um santo, é provável que te estejam garantidos especiais perdões...

MÓNICA

Não brinques, Afonso. Não deves brincar.

AFONSO

Tens razão. Não devo brincar. Por várias razões... e até porque eu afinal concordo. Sim, até porque eu no fundo também concordo e até penso... sabes o que é que eu penso? Pois até penso que as virtudes do Anselmo talvez me valham também a mim! Que talvez ajudem lá no outro mundo à salvação da minha própria alma!

MÓNICA

E desde quando? Desde quando é que pensas... dessa forma?

AFONSO

Espanta-te, não é? Mas esta ideia, como tu bem sabes, de que os méritos de alguns podem ajudar à salvação dos outros, é uma ideia católica, perfeitamente ortodoxa, e repara que eu sou cató-

lico... sempre o fui... É certo: fui e não fui... e lá por esse lado dou razão a que te espantes... Porque o fui de uma forma tão errada e tão vulgar, que era igual ou pior que não o ser. Intitulava-me católico, ai de mim!, e isto diz tudo: fiz a máxima guerra a que o meu filho fosse padre!

MÓNICA

Mas que bom, Afonso, se não fosses só vencido: se estiveres arrependido!

AFONSO

Sim... é isso... arrependido... Talvez eu esteja no fundo até muito arrependido. Mas também é sempre tão difícil saber ao certo o que se passa no fundo de uma pessoa... Eu bem ao certo só sei que atravesso uma crise...

MÓNICA

Não há-de, se Deus quiser não há-de ser em vão que o teu filho é teu filho. É sempre uma crise, Afonso, que antecede a verdadeira Fé.

AFONSO

E também é sempre uma crise que caracteriza o fracasso de uma existência.

MÓNICA

Todos os fracassos da Terra se podem tornar em sucessos do Céu.

AFONSO

Podem. Poder podem...

MÓNICA

Mas a que te fracasso te referes?

AFONSO

Ao meu fracasso. Ao fracasso dos meus planos. Passei a minha vida a sonhar com a vida do meu filho, com um destino extraordinário para o meu filho. Mas destino extraordinário que eu sonhava, de facto, no plano das coisas terrenas. Era neste mundo — cá muito neste mundo — que eu o via grande, rico, triunfante.

MÓNICA

Pois era, Afonso.

AFONSO

Trabalhei para ele, eu já era rico mas procurei e consegui enriquecer ainda mais para ele, só para ele...

MÓNICA

E ele agora aborrece essa riqueza.

AFONSO

Odeia essa riqueza. Diz com aversão, com verdadeira aversão, que se desfará dela mal her-

dar. Odeia, pois, todo o meu trabalho, toda a minha vida; odeia-me a mim!

MÓNICA

A ti não. Odeia apenas o que em ti tu próprio deves odiar, se te converteres do teu mau catolicismo ao verdadeiro catolicismo.

AFONSO

Ao verdadeiro catolicismo? Mas a riqueza em si mesma não é um mal, segundo o próprio verdadeiro catolicismo! Viver também para este mundo não é pecado em si! O que eu fiz não estará tão errado que mereça cair totalmente por terra!

MÓNICA

Se tivéssemos tido outros filhos, não caía talvez totalmente por terra...

AFONSO

Ah, sim, esse foi um grande mal, esse é que foi também um grande pecado!

MÓNICA

Eu quis ter mais filhos.

AFONSO

E fui eu, fui eu quem não quis! Já éramos tão ricos, e por ambição, por estúpida, por mise-

rável ambição, para a fortuna não se dividir!, eu opus-me a que os tivéssemos.

MÓNICA

E Deus castigou-te: respondeu à tua ambição com a Sua ambição. Tu quiseste que o teu filho fosse rico de toda a tua riqueza. Ele quis que fosse rico da Sua riqueza. Mas alegra-te, alegra-te com o castigo que Deus te deu. Foi o melhor dos castigos! E Deus podia ter dado qualquer castigo. Podia ter dado o pior castigo.

AFONSO

E ainda está a tempo...

MÓNICA

*(Com um ligeiro sobressalto:)* Está a tempo?

AFONSO

Pois não é verdade que está a tempo?

MÓNICA

Não há nada de que Deus não esteja a tempo. Achas que sou eu que o vou negar?

AFONSO

Então se concordas com o que eu disse...

MÓNICA

Não concordo é com não sei que tom, não sei que ar em que o disseste.

AFONSO

Que tom? Que ar?

MÓNICA

Não sei ... mas pareceu-me um ar ... um absurdo, despropositado ar de profecia...

*Entram Marcelo e Odete.*

ODETE

Dão licença?

AFONSO

Fazem favor.

*Cumprimentos. É melhor que logo nos cumprimentos eles se chamem uns aos outros os seus nomes, — para mais pronta e vincada informação desses nomes ao espectador.*

MARCELO

Se calhar não chegámos na melhor altura.

AFONSO

Ora essa, porquê?

MARCELO

Vocês estavam a conversar. Nós viemos interromper.

AFONSO

Que tem isso?

MARCELO

Tem que... pareceu-me que conversavam de algum assunto importante...

AFONSO

Pareceu-lhe? Porquê?

MARCELO

Porquê? Porquê nem sei bem, se quer que lhe diga. Mas talvez... talvez porque ouvi a última palavra...

AFONSO

Que última palavra?

MARCELO

Uma palavra solene: a palavra profecia.

MÓNICA

Ah não, não tem importância, vieram até em muito boa altura!

AFONSO

Mas e a Ilda? Essa pelo que vejo é que não veio.

ODETE

Não, a senhora nossa filha, e vossa sobrinha, não quis vir. Ficou em casa.

AFONSO

Porquê?

ODETE

Porque disse que estava mal disposta.

MARCELO

E estaria mesmo.

MÓNICA

Mas ainda que estivesse mesmo: não será uma coisa grave, uma má disposição.

MARCELO

Em todo o caso a rapariga anda esquisita. Não é só de hoje ou ontem que eu a venho achando estranha.

ODETE

E o Anselmo? Ainda cá está?

MÓNICA

Ainda. Mas é hoje o penúltimo dia de férias. Já regressa amanhã ao Seminário.

MARCELO

E são estas as últimas férias. As suas últimas férias de seminarista. A próxima vez que sair do Seminário será já o senhor Padre Anselmo que de lá sai!

MÓNICA

É verdade.

MARCELO

Tenho que lhe dar um abraço de despedida. Ele onde está?

AFONSO

Saiu. Doía-lhe um bocado a cabeça e foi dar uma volta a tomar ar.

MARCELO

É com efeito às vezes bom remédio: tomar ar.

MÓNICA

Mas já talvez não se demore.

*Odete, como quem se recorda de repente de algo:*

ODETE

Ah, antes que me esqueça.

*E põe-se a procurar qualquer coisa na carteira.*

MÓNICA

O que é? Alguma coisa importante?

ODETE

Não, não é nada de importância; mas em todo o caso não me quero esquecer de te mostrar. Que é só para tu não seres teimosa e não ficares na tua.

MÓNICA

Para eu não ser teimosa e não ficar na minha?

ODETE

Sim, senhora.

*E tira da carteira um envelope.*

ODETE

Sabes o que é isto?

MÓNICA

Um envelope.

ODETE

E dentro do envelope?

MÓNICA

Não calculo.

ODETE

Não? Pois é a fotografia.

MÓNICA

Qual fotografia?

ODETE

A tal fotografia. Aquela mesma que tu noutra dia disseste, e repetiste, e garantiste, feita teimosa, que não existia nem podia existir: porque não te lembravas de nada disso, porque era com certeza uma história que eu sonhei... Mas procurei-a e encontrei-a, no fundo de uma gaveta.

MÓNICA

Ah sim?

ODETE

Sim. (*Passando-lhe a fotografia:*) Aqui a tens. Então agora? Dás a mão à palmatória? São ou não são os nossos dois filhos, a minha Ilda e o teu Anselmo, quando eram pequenos? (*Mónica não responde.*) São ou não são eles, uma vez num Carnaval, mascarados de noivos?

MÓNICA

São, de facto.

ODETE

E até quem os mascarou, sem dizer antes a ninguém que os ia mascarar, lembro-me perfeitamente, foi aquela nossa tia Aurora, que era como sabes bastante lunática, e gostava de fazer destas partes e partidas.

AFONSO

É verdade. E era no tempo, também me lembro que era no tempo em que nós dizíamos que quando a Ilda e o Anselmo fossem grandes, haviam de casar um com o outro!

MÓNICA

Eu não me lembro de dizer isso.

AFONSO

Pois eu dizia, e lembro-me bem. Não o dizia, claro, pròpriamente a sério; mas sim sobretudo a brincar. Porque quem é que faz—senão sobretudo a brincar, está bom de ver—projectos de casamento a tantos anos de distância? E com as voltas que a vida dá!

MARCELO

Sem dúvida: com as voltas que a vida dá! E em todos os sentidos! Quem diria, por exemplo, que estes dois meninos, (*Tem na mão a fotografia e olha para ela.*) vestidos de noivos de Carnaval, e de quem sobretudo a brincar, com efeito, mas também portanto um pouquinho a sério, nós os pais chegámos a supor que viriam a ser noivos de verdade, quem diria, sim, quem diria que são o Anselmo e a Ilda de hoje? Mas ao que eu me refiro não é sòmente a isso: a estarem eles aqui vestidos de noivos, intencional e como que simbò-

licamente vestidos de noivos por artes e partes daquela extravagante tia Aurora — e agora tão longe, tão longe de o serem! Ah sim, não: nem me refiro a bem dizer quase que a isso. Porque me refiro a mais, a muito mais do que isso: a eles próprios, a cada um deles em si mesmo, às caras, às feições. Quem diria que esta é a Ilda? Que este é o Anselmo? Ah, o que o tempo faz de nós! Transforma-nos em outros! E ainda há poucos dias também estive a ver uma fotografia minha; de quando eu próprio tinha cinco ou seis anos de idade! E arrepiei-me a pensar: que ligação é que pode haver entre este que aqui está e este que aqui estou?

#### ODETE

E contudo há; há uma certa misteriosa ligação entre o passado, por mais distante, e o futuro, por mais longínquo. Nós é que às vezes podemos não atinar em vê-la, mas existe a ligação.

*E Marcelo devolve a fotografia à mulher, a Odete, que a torna a meter na carteira. Enquanto ela guarda a fotografia, breve silêncio de todos.*

#### MARCELO

Talvez exista no fundo a ligação. Entre o passado, por mais distante, e o futuro, por mais longínquo. Mas também há tanta mudança! Tanta,

caramba! E não calculam como este assunto às vezes me impressiona. É mesmo um assunto que, de vez em quando, me faz filosofar...

AFONSO

Mas qual assunto?

MARCELO

A mudança, precisamente. A mudança... e a morte...

AFONSO

E a morte?

MARCELO

E a morte, claro: a suprema mudança! Ah sim, porque a morte, ela de facto é que é terrível: e por causa dela afinal é que são terríveis as outras mudanças! Por causa dela: por causa por exemplo de eu agora estar aqui, e ser assim, e amanhã, quer dizer: daqui a alguns anos, que é como quem diz: daqui a um breve minuto...

ODETE

Um breve minuto... de alguns anos? Mas isso então é de facto filosofia: é um minuto filosófico!

MARCELO

Pois é...

ODETE

E daqui a uns minutos desses, realmente, já não estarás com certeza *aqui*, nem com certeza *assim*! Ah não, nada *assim*! E estarás até por exemplo *assado*, e muito *assado*...

MARCELO

Mas em que sentido — muito assado?

ODETE

Olha, no próprio sentido de quem vai ao forno, se porventura tiveres ido parar ao fogo do Inferno... Ou quem diz *assado*, diz *cozido* ou *frito*...

MARCELO

Ah, não, lá isso, admito que a alma é imortal, mas não creio que seja assável, ou cozível, ou fritável. Que diabo, senão a alma não era alma; era uma batata!

MÔNICA

Sim; mas não se julgue que por não haver, e aliás pode haver, porque existe a ressurreição da carne, mas ainda que não haja tormentos físicos no Inferno, não se julgue que o Inferno será por isso menos terrível, ou menos doloroso.

MARCELO

Quero crer, quero crer que o Inferno não seja propriamente um céu aberto. Mas estes problemas

são tão obscuros e tão difíceis! Por exemplo: se Deus é bom, porque será que existe Inferno?

MÔNICA

Existe o Inferno, diz a Fé. Porquê, isso há muitos porquês que a nossa inteligência não alcança.

ODETE

Existe o Inferno, e quem para lá for é para sempre. Eu é isto que mais me confunde. Para sempre! Estar a gente neste mundo por tão pouco tempo, e o que se faz em tão pouco tempo, valer por tanto tempo; por tanto tempo, que não acaba; por tanto tempo, tanto, tanto!, que se chama *sempre*.

AFONSO

Mas isso, mesmo que não se acredite no Inferno, nem no Céu, nem em forma alguma de vida depois desta, o que fazemos nesta vida vale sempre *para sempre*. Quero eu dizer: se depois da morte não há nada, o que fizemos neste mundo vale nada — *para sempre*.

MARCELO

E é esmagador. Sim, para sempre, seja de que forma seja, sob a forma de Tudo ou sob a forma de Nada, para sempre, a ideia de *para sempre* é uma ideia esmagadora. Decididamente nós

não somos feitos para aguentá-la. E afinal de contas a mudança, a ideia de mudança, desde que precisamente não seja tão forte que nos lembre a morte, o para sempre da mudança da morte, a ideia de mudança é que ainda mais nos convém. A ideia de imutabilidade, a ideia de *para sempre* é que nós fugimos instintivamente de encarar. Ah, quem só pensasse e acreditasse em *para sempre*, quem não se distraísse de *para sempre*, enlouquecia!

MÓNICA

O meu filho Anselmo disse-me uma vez: as duas palavras em que mais penso, que mais me atraem e seduzem, são a palavra *nunca* e a palavra *sempre*.

MARCELO

E claro que o Anselmo não enlouqueceu; claro que o Anselmo resistiu! E resistirá! Mas o Anselmo é um homem especial, Mónica. É de uma ténpera como há poucos. O Anselmo... é o Padre Anselmo, ou quase, ou dentro em breve. E não foi... isto é, não vai, não vai para Padre como a maioria dos padres, que vão empurrados. Ele vai a empurrar: ele teve de empurrar todos os obstáculos que o pai lhe pôs no caminho, e não foram poucos; e está chegando à meta!

AFONSO

E já não há obstáculos. Já concordei por fim.

MÓNICA

E doutra vez em que se estava a falar da morte, ouvi dizer ao Anselmo: a morte que eu mais queria era a pior, em certo sentido. Porque quanto mais se sofre com paciência ainda cá, menos se expia Lá.

MARCELO

Vê? Vê que o Anselmo está muito acima do comum dos mortais? Vê como tem mesmo espírito de mártir? Nós é que não temos! E eu então... nem para amostra! Ai sim, confesso que se pudesse escolher a minha morte, escolhia a melhor. Não tinha coragem de não escolher a melhor!

AFONSO

E qual é a melhor?

MARCELO

Ora, a que se sente menos. Eu acho que deve ser a dormir. Estar a dormir e de repente morrer! Como o outro que diz: e quando acordou estava morto.

ODETE

Bem, mas e se mudássemos de assunto? Se deixássemos a morte?

MÓNICA

A morte é que não nos deixa...